

CRÍTICA LITERÁRIA I

LINGUAGEM: ENTRE A SUBJETIVIDADE E A SOCIABILIDADE DO DITO E NÃO-DITO DE MACABÉA²⁷

*Miriam Bastos Barbosa
Luciane Stefanato Negrini
Rita de Cássia Mota Ribeiro
rita-mota@zipmail.com.br*

INTRODUÇÃO

Este estudo faz uma abordagem sobre o processo de enunciação dentro de uma das suas facetas específicas: aquela que Benveniste (2006) chamou a atenção sobre os quadros discursivos em que se pode estabelecer o diálogo fora da enunciação ou a enunciação sem o diálogo. Pareceu-nos ser essa questão merecedora de atentas reflexões que, longe de concluir um inventário sobre a mesma, podem fomentá-la ainda mais, convidando para um debate mais amplo acerca de suas implicações.

Partindo-se das considerações de Benveniste, recorreu-se, na construção das elaborações que foram possíveis dentro dessa questão complexa, a reflexões de alguns estudiosos que se dedicaram ou se dedicam aos problemas da Linguagem e da Sociocognição. Para estabelecer um intercâmbio mais direto entre as inquietações afloradas por Benveniste e situações de fala, escolheu-se fragmentos de diálogo entre os personagens Macabéa e Olímpico de Jesus da obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. Embora seja difícil precisar os limites entre a análise discursiva a que se pretende e as considerações literárias, procurou-se, naturalmente focar a primeira. A natureza dessa obra e, por conseguinte, das personagens Macabéa e Olímpico estabelecem, ao entender dos objetivos desse estudo, um encontro privilegiado não porque respondem às questões complexas suscitadas por Benveniste, mas porque provocam e prometem ampliações e ajustes recíprocos.

27 Artigo apresentado na disciplina Teorias Sociocognitivas coordenada pelo professor Dr. Sérgio Arruda de Moura, no Mestrado em Cognição e Linguagem da Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF – Campos dos Goytacazes, RJ.

LINGUAGEM E PENSAMENTO

No princípio já existia o Verbo, e o verbo estava com Deus. Ele estava, no princípio, com Deus. Tudo começou a existir por meio Dele, e sem Ele, nada foi criado. (João, 1: 1-3)

A *Bíblia* afirma que no princípio era o Verbo, a palavra, ligando o conceito de linguagem diretamente à idéia da existência ou criação.

Também é sabido que outras doutrinas concebem que o conceito de existência está ligado à palavra. O filósofo grego Heráclito chamou de ‘logos’ o princípio universal do ‘ser’, ao mesmo tempo palavra e pensamento.

A Filosofia da Ciência destaca que é impossível conhecer a realidade ‘em si’, mas apenas construir uma imagem dela baseada em nossos sentidos e em nossos pensamentos, e se um está intimamente ligado ao outro, então a linguagem é a base para o conhecimento do homem sobre a natureza e sobre si mesmo.

A linguagem auxilia a expandir as possibilidades daquilo que pode ser pensado. Isto ocorre, por exemplo, quando a expressão lingüística torna possível que determinados conteúdos sejam focados e aumenta a capacidade de análise acerca deles. A linguagem desempenha essa função ao tornar o pensamento explícito. Nesse caso, pode-se perceber como a linguagem expande o reino do que pode ser pensado para além dos limites usuais e, dessa forma, atua no sentido de extrapolar as possibilidades do próprio pensamento. (Clark, 1996).

Platão (428 a 347 a.C.) afirmava que existem duas realidades: ‘o mundo real’ (imane) e ‘o mundo ideal’ (transcendente). O mundo do real ou das ‘coisas’ é o que habitamos e o ideal, ou das ‘idéias’, é o mundo atingível pelo pensamento.

[...] desde Platão e a perda do fundamento originário da filosofia grega – a verdade tornou-se problema do pensar, questão de conhecimento. A verdade vai estar numa adequação do objeto (realidade) ao conceito, enunciado. A verdade se estabelece entre o ente definido pela *cogitatio*, capaz de enunciar, e o ente dotado de *extensio*, passível de ser aprendido. Sujeito e objeto são categorias derivadas dessa metafísica *specialis* de Deus, do homem e da natureza. (Amaral, 1977).

O questionamento sempre feito em relação à linguagem é: por que somente o homem fala? Na verdade, todos os animais expressam, através de ruídos, alguma forma de linguagem, mesmo que se-

CRÍTICA LITERÁRIA I

jam idéias genéricas de sentimentos. Mas o homem é o único a usar uma linguagem articulada, capaz de expressar todas as nuances do pensamento.

LINGUAGEM E SOCIOCOGNIÇÃO

É na relação com o outro que o sujeito se identifica como ser e a linguagem cumpre esse papel essencial para a sobrevivência humana. Ainda que se encontre em silêncio ou só por pouco ou muito tempo, o homem se une a um interlocutor que para ele é sempre real ainda que invisível e, por vezes, se encontre dentro de si mesmo e é a palavra o instrumento por excelência dessa negociação comunicativa.

Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (Bakhtin, 1977).

Ser social que se constitui, o homem pela enunciação inscreve-se no meio físico e social. Os lugares e papéis sociais que ocupa delinham suas possibilidades de dizer e, portanto, de ser. Há uma ordem preestabelecida na qual seu discurso pode se desenvolver: seus interlocutores e contextos são algumas das principais instâncias que se apresentam nesse jogo discursivo.

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de sinais que devem acompanhar o discurso. (Foucault, 1970).

Na obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector, da qual retiraram-se alguns fragmentos de diálogos realizados entre a protagonista Macabéa e o personagem Olímpico para ilustrar exemplos de estados especiais de enunciação denominada por Benveniste (1977) de comunhão fática há exemplos que ilustram o quanto o discurso se encontra comprometido e pré-determinado, desvelando os papéis sociais das personagens e as restrições discursivas presentes.

As poucas conversas entre os namorados versavam sobre farinha, carne de sol, carne-seca, rapadura e melado. Pois esse era o passado de ambos e eles esqueciam o amargor da infância. [...] Os dois não sabiam inventar acontecimentos', Sentados no banco da praça, "nada os distinguia do resto do nada. Em seus diálogos curtos e inconseqüentes, Macabéa relatava informações esparsas ouvidas na Rádio Relógio e Olímpico ou repetia seus sonhos de grandeza ou se irritava com ela. A única vez em que a moça falou de si própria na vida foi quando respondeu ao namorado que lhe perguntou se tinha preocupação: 'Não, não tenho nenhuma. Acho que não preciso vencer na vida'. Estava habituada a se esquecer de si mesma. (Lispector, 1988).

Macabéa que em outro momento ao explicar o significado de seu nome a Olímpico diz ter sido fruto da promessa da mãe à Nossa Senhora da Boa Morte, caso ela "vingasse", resignava-se ao que era como se não tivesse o direito de desejar mais alguma coisa uma vez que parecia sentir-se eterna devedora da vida por ter "vingado", "prêmio" que nem sempre é "concedido" a uma criança cuja origem é a miséria do sertão da Paraíba. Segundo Bakhtin (1977), a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente, e por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação.

Macabéa tinha medo de não ter o que dizer, na berlinda da cidade grande, dividindo o quarto com outras moças, localizado próximo a uma área de prostituição, reconhecia que no jogo discursivo é importante ter o que dizer e o silêncio a assustava. Responde sim, e apressadamente, ao convite a passeio feito por Olímpico, temendo que este mudasse de idéia. Olímpico, embora tão nordestino quanto ela, possuía o privilégio de ser homem o que representa mais uma força coercitiva imposta à Macabéa. Na pressa de responder está implícito o responder positivamente, ratificando sua posição subjugada de mulher cujo papel definido na ordem do discurso é o daquela que diz sim, independente dos seus desejos há muito escamoteados em um discurso e em uma sociedade cerceada pelas interdições:

Por conseqüência, não é a palavra que constitui a expressão da personalidade interior, mas ao contrário esta última constitui uma palavra contida ou interiorizada. A palavra é a expressão da comunicação social, da interação social de personalidades definidas, de produtores. E as condições materiais da socialização determinam a orientação temática e constitutiva da personalidade interior numa época e num meio determinados (Bakhtin, 1977).

CRÍTICA LITERÁRIA I

Mais adiante na conversa entre Macabéa e Olímpico de Jesus durante o passeio, embora eles não soubessem “como se passeia”, quando param diante da vitrine de uma loja de ferragem para se protegerem da chuva, mais uma vez, Macabéa, com receio “de que o silêncio significasse uma ruptura, diz ao recém namorado: “Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?” Lispector (1998, p. 44). Parece nítido que o essencial do texto definitivamente não se encontra no enunciado que nessa situação não representa outra coisa senão um contraponto ao silêncio que precisa ser preenchido a qualquer preço. Na emergência em que Macabéa se vê, agarra-se ao que é mais visível e próximo, os parafusos, ainda que ao leitor esse fato provoque uma dose humor que atenua o estranhamento, afinal, não é comum que alguém possa manifestar gosto por parafusos. O sentido se estabelece, entretanto, na medida que o leitor reconhece que Macabéa e Olímpico de Jesus pertencem a um mesmo tecido semântico e partilham de um mesmo contexto sociocognitivo:

Os sujeitos se movem no interior do tabuleiro social, que tem suas convenções, suas normas de conduta e que lhes impõe condições, estabelece deveres e lhes limita a liberdade. Além disso, toda e qualquer manifestação de linguagem ocorre no interior de determinada cultura, cujas tradições, cujos usos e costumes, cujas rotinas devem ser obedecidas e perpetuadas. (Koch; Elias, 2006)

Ainda citando Koch; Elias (2006), numa situação comum de interação,

...cada um dos parceiros já traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, já é por si mesmo, um contexto. A cada momento de interação, esse contexto é alterado, ampliado e os parceiros se vêem obrigados a ajustar-se aos novos contextos que vão originando sucessivamente.

O que mais fala em Macabéa é o seu contexto marcado pela fragilidade com que esta se inscreve no mundo, se é que se pode dizer que a personagem está no mundo, pois toda a obra parece revelar o contrário. As falas entre Macabéa e Olímpico de Jesus não criam novos contextos como se dá em uma enunciação regular, antes, realizam o que Benveniste, citando B. Malinowski indicou sob o nome de “comunhão fática”, qualificando-a assim como fenômeno psicossocial com função lingüística, muito embora, em se tratando de Macabéa e Olímpico não aconteça a suposta colaboração entre os indivíduos pressuposta pelo autor, haja vista que o diálogo entre ambos não se realiza ou não se amplifica, antes, afasta-os, uma vez que já

há um distanciamento prescrito no contexto em que os dois participam.

- Melhor mudar de conversa porque a gente não se entende.
- Entender o quê? (Lispector, 1998, p. 48)

A LINGUAGEM E A ENUNCIÇÃO

Analisar a linguagem como um processo constituído através de uma dualidade é reconhecer o seu caráter formal, porém atravessado por “entradas subjetivas e sociais”. É nessa concepção que ancora o conceito de discurso, ou seja, essa instância da linguagem e do discurso.

A linguagem enquanto discurso é interação e produção social, não é neutra nem inocente quando engajada numa intencionalidade. Ela é um sistema-suporte de representações ideológicas “(...) é o ‘médium’ social em que se articulam e defrontam agentes coletivos e se consubstanciam relações interindividuais” (Braga, 1980).

Porém, em determinadas situações, em que a prática da linguagem é resultante de uma atitude eventual ou de livre intercuro social, o uso da linguagem é outro, diferente daquele até então mencionado. Para Benveniste (2006), em situações como essa “O sentido de cada enunciado não pode estar ligado ao comportamento do locutor ou do ouvinte, com intenção do que estão fazendo”.

Essa reflexão pode ser realçada com base em um diálogo entre os personagens Macabéa e Olímpico de Jesus:

Eles não sabiam como se passeia. Andaram sob a chuva grossa e pararam diante da vitrine de uma loja de ferragem onde estavam expostos atrás do vidro canos, latas, parafusos grandes e pregos. E Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, disse ao recém-namorado:

- Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?

Da segunda vez em que se encontraram caía uma chuva fininha que ensojava os ossos. Sem nem ao menos se darem as mãos caminhavam na chuva que na cara de Macabéa parecia lágrimas escorrendo. (Lispector, 1998, p. 43-44)

CRÍTICA LITERÁRIA I

O campo enunciativo

Para Maingueneau (1983, 1984), não existe discurso autofundado, de origem absoluta. Enunciar é se situar sempre em relação a um já-dito que se constitui no outro do discurso. Um discurso se constitui a partir de fundamentações que constituíram o discurso anterior. Quando se mudam as condições de produção de um discurso, a significação desses fragmentos (de discurso) ganha uma nova configuração semântica.

Um campo enunciativo é configurado a partir das formas de coexistência de diferentes formações discursivas, ou seja, não há um limite que separa o seu interior e o seu exterior, uma vez que ela se limita entre várias outras formações discursivas, assim, os confrontos ideológicos que irão demarcar as suas fronteiras.

Nos trechos tomados como exemplos dessas reflexões na obra *A hora da estrela*, percebe-se, através do posicionamento feito pela personagem Macabéa que os enunciados por ela formulados são apenas enunciados retomados a título de verdade admitida,

as relações instauradas podem ser de ordem de verificação experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, em busca das significações ocultas, da análise do erro (Foucault, 1971, p. 72-73).

Há evidências de que, para Macabéa, a garantia da continuidade do contato com o seu alocutário, naquele momento, era o mais importante; tornando-se, assim, o objeto de seu discurso. Essa característica de dizer através do não dito é uma constante em Clarice Lispector, com Macabéa não poderia ser diferente. Nessa situação, conforme B. Malinowski afirma, há uma condição social das mais banais em aparência e menos conhecida, de fato, porém qualificada como um fenômeno psicossocial, cujo nome por ele indicado e, já dito anteriormente neste estudo, é “comunhão fática”. Nesse caso, o tipo de discurso resulta de laços de união criados meramente para se trocar palavras. As palavras, certamente, não são usadas para transmitir verdadeiramente a significação que possuem como é o caso da passagem em que Macabéa, com medo de que o silêncio já significasse uma ruptura, diz ao recém-namorado: “Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?” “Parafuso” e “prego” estão, nesse contexto, desprovidos de significação, uma vez que para a personagem a

intenção não está no ‘conceito’ e nem na ‘coisa’, está no valor agregado à circunstância, no valor agregado ao ambiente, ao contexto. Conforme Wittgenstein:

Não se indague qual é o significado de uma palavra; indague-se qual é o seu uso. (Lyons, 1987)

Todo enunciado oral ocorre numa situação espaço-temporal que inclui o falante e o ouvinte, as ações que eles praticam naquele momento e vários objetos e acontecimentos externos. (*Idem*)

O contexto do enunciado de Macabéa foi construído do princípio de que o uso das palavras torna-se aceitável a partir da relevância do momento, “mas também o conhecimento partilhado pelo falante e pelo ouvinte” (*Idem*). A relação estabelecida entre a personagem e Olímpico de Jesus, considerando o conhecimento de ambos, as crenças e as pressuposições correntes.

Nesse discurso, o emprego dessas palavras, pela forma como foi produzido, exigiu um conhecimento prévio elementar de seu interlocutor. Reata-se, assim, através da natureza semântica da palavra, o conceito de “comunhão fática”, “mais um vez podemos dizer que a linguagem não funciona, neste caso, como um meio de transmissão de pensamento. A situação entre os interlocutores constitui uma “atmosfera de sociabilidade e no fato de uma comunhão pessoal dessas pessoas” (Benveniste, 2006, p. 90).

Entretanto, essa comunhão será mantida através da fala e a situação, criando-se em todos os casos uma “troca de palavras, pelos sentimentos específicos que formam a convivência gregária, pelo vai e vem dos propósitos que constituem o tagarelar comum” (*Idem*). Cada enunciação é um ato que serve o propósito direto de unir o ouvinte ao locutor por algum laço de sentimento, social ou de outro tipo (*Idem*).

O sujeito da ação enunciativa

A concepção de sujeito nas teorias lingüísticas modernas é analisada por Orlandi (1988) sob alguns aspectos e neste estudo atender-se-á para aquele em que se concebe que as relações interlocutivas estão centradas nas idéias de “interação”, “harmonia conversacional”, “troca entre o eu e o tu”. Aqui se enquadra a noção de sujeito

CRÍTICA LITERÁRIA I

de Benveniste, baseada nas leis de conversação, em decorrência do princípio de cooperação dos postulados conversacionais de Grice, isto é, quando duas ou mais pessoas se propõem interagir verbalmente, elas normalmente irão cooperar para que a interlocução transcorra de maneira adequada (Koch, 2004, p. 27).

O discurso de Macabéia enquadra-se bem nessa concepção, em que as relações interlocutivas centram-se na idéia da interação, baseada no “Princípio da cooperação”, ou seja, as pessoas se propõem a interagir de maneira que a interlocução transcorra adequadamente, subsumindo a “Máxima da quantidade”, ou seja, “não diga nem mais nem menos do que o necessário” (*Idem*). O papel assumido por Macabéia é esse, não dizer nada mais do que, para ela, seja necessário e oportuno para o momento, considerando suas limitações. Uma vez que seu objetivo é prolongar, mesmo que através de um discurso vazio, seu contato com o personagem Olímpico de Jesus

(...) até um ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome, eu preferia continuar a nunca ser chamada em vez de ter um nome que ninguém tem, mas parece que deu certo – parou retomando o fôlego perdido e acrescentou desanimada e com pudor – pois como o senhor vê eu vinguei ... pois é ... (Lispector, 1998, p. 44)

Pode-se referenciar e fazer-se uma volta à subjetividade em Benveniste, o ato de produzir um enunciado é a preocupação do locutor, não o texto de um enunciado, isto é, o processo e não o produto, Benveniste procura esboçar, no interior da língua, as características formais da enunciação a partir da manifestação individual que ela atualiza.

A posição do locutor no discurso é anunciada através de determinados índices formais dos quais os pronomes pessoais constituem o primeiro ponto de apoio na relevância da subjetividade na linguagem. Instituído-se um “eu”, institui-se necessariamente um “tu”. Não importa o grau de importância que o locutor implanta no seu interlocutor, “eu” e “tu” são os protagonistas da enunciação, apresentam, assim, a marca da personalidade, não se confundindo com a marca da subjetividade, ou seja, o “eu” é pessoa subjetiva e “tu” é pessoa não-subjetiva, conforme se observa na passagem de A hora da estrela em que Macabéia explica a origem de seu nome:

Eu também acho esquisito mas minha mãe botou ele por promessa a Nossa Senhora da Boa Morte se eu vingasse, até uma ano de idade eu não era chamada porque não tinha nome (...) (Lispector, 1998, p. 43).

Segundo Benveniste, “eu” se caracteriza por ser único no momento do discurso e é válido somente na sua unidade. “— Eu gosto tanto de parafuso, e o senhor?” (*Idem*), a ação discursiva da personagem é a relevância na enunciação, não importando o que o “tu”, o interlocutor, pensa, portanto não há resposta por parte do outro. O sujeito em Benveniste é um “eu” que interage com um “tu” – alocutário. Esse “tu” é complementar, porém indispensável, na relação entre ambos, o “eu” é que tem ascendência sobre o “tu”.

A ideologia e o sujeito na enunciação

Para Marx e Engels a ideologia é identificada como separação que se faz entre a produção das idéias e as condições sociais e históricas em que são produzidas.

Para Chauí (1980), a ideologia é uma ordenação de idéias ou representações de normas e regras como algo separado e independente das condições materiais. O trabalho intelectual passa a ser expressão das idéias da classe dominante – as idéias da classe dominante passam ser as idéias dominantes, as idéias de todos, “o aparecer social é o modo de ser do social de ponta-cabeça. A aparência não é algo falso e errado, mas é o modo como o processo social aparece para a consciência direta dos homens” (p. 105).

Para Althusser, os mecanismos da perpetuação ou de reprodução das condições materiais, ideológicas e políticas de exploração são gerados pela classe dominante, entrando aí o papel do Estado que, através de seus Aparelhos Repressores – ARE e Aparelhos ideológicos – AIE, intervém procurando forçar a classe dominada a submeter-se às relações e condições de exploração. A ideologia, para esse pensador, é a forma pela qual os homens vivem a sua relação com as condições reais de existência, uma relação imaginária.

Voltando a Chauí, esta considera que os Aparelhos Repressores (como o Exército, a polícia, os tribunais e outros) funcionam através da repressão, inclusive física; os AIE (como religião, a família, a cultura, a informação...) funcionam de um modo em que preva-

CRÍTICA LITERÁRIA I

lece a ideologia, mesmo que como pano de fundo exista a presença da expressão. Os indivíduos são interpelados como sujeito – toda ideologia tem como objetivo constituir indivíduos concretos em sujeitos. O reconhecimento se dá na inserção do sujeito, em si mesmo e em suas ações, em práticas reguladas pelos AIEs.

Assim, só há possibilidade de existência de ideologia através do sujeito e no sujeito. Retomando mais uma vez o enunciado: “— Eu gosto tanto de parafuso e prego, e o senhor?”, percebe-se que há uma dispersão no discurso de Macabéa, como se os elementos que o compõem não estivessem ligados por nenhum princípio de unidade. Há nessa e em outras passagens da obra, nas falas de Macabéa, um entrecruzamento de vozes: no mesmo momento que ela é única, só e desprotegida naquela cidade em que tudo lhe é diferente e difícil; é forte, persistente ao ponto de não sucumbir diante da ameaça do silêncio. Aqui ancora um enunciado, mesmo que desprovido de qualquer reflexão, apresentando a função de materializar a linguagem. Nesse sentido, não há discurso ideológico, pronto, preparado; há uma concepção de ideologia, como “dissimulação”, “mascaramento” e até mesmo prolongamento da ação dialogal – os AIEs funcionam, nesse caso, como base de sustentação para essa proposta de “comunhão fáctica” de que fala Benveniste (2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as questões anteriormente abordadas, percebeu-se que a linguagem possibilita ao homem penetrar no mais íntimo das coisas, sair do limite da impressão para o limite da realização, organizar seu comportamento dirigido a uma finalidade, descobrir a complexidade das relações entre o “eu” e o “outro”, transmitir informação. A linguagem cumpre ainda um papel que, aparentemente não muito expressivo, vem demonstrar a marca da existência de um “sujeito” no processo da enunciação – mesmo que essa marca seja, a princípio, uma máscara de um sujeito “dissimulado”, um sujeito que trabalha o não-dito. Um sujeito que faz uso da linguagem, mesmo que vazia de significado, para garantir sua participação no processo da enunciação. O pensamento desse sujeito surge graças à linguagem, através de muitos objetivos, tanto para a abstração e generalização, como para a formulação das idéias.

Todo homem vive em um universo simbólico, porém ideológico. Assim, falar de ideologia é falar de uma carga semântica, identificada como separação feita entre a produção da idéia e a condição social e histórica em que se produzem.

Reafirmando as idéias de que as palavras, na “comunhão fática”, preenchem uma função social, tendo aí seu principal objetivo, Benveniste (2006) afirma

Mais uma vez podemos dizer que a linguagem não funciona, neste caso, como um meio de transmissão do pensamento (...). Uma vez mais, a linguagem manifesta-se-nos, não como um instrumento de reflexão, mas como um modo de ação, (p. 89-90).

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcio Tavares d. *Filosofia da comunicação e da linguagem*. São Paulo: Civilização Brasileira; Brasília: MEC, 1977.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Linguística Geral*. 2ª ed. Campinas: Pontes, 2006.
- BRAGA, M.L.S. *Produção da linguagem e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1998.
- CLARK, A. *Linguistic anchors in the sea of thought? Pragmatics and cognition*, 1996, vol. 4, nº 1, p. 93-103.
- CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Educ, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: desvendando o sentido do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo, Contexto, 2004.
- *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

CRÍTICA LITERÁRIA I

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística – uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOURA, Sérgio Arruda de. *Curso de semântica*. Rio de Janeiro, 2005.

ORLANDI et alii. *Sujeito e texto*. São Paulo: Educ, 1988.

PÊCHEUX, Michael. *Semântica e discurso: uma crítica à observação do óbvio*. Trad. Eni Orlandi et alii. Campinas: Unicamp, 1988. Título original: *Les vérités de la Palice*. 1975.